Tentando fazer o esboço do percurso teórico geral da perspectiva em questão BETTELHEIM afirma que «[...] quando se estuda o funcionamento de uma economia nacional particular, em que parece prevalecer um modo de produção particular, [...] não se deve [...] tratar desta economia independentemente da sua forma de relação com os modos de produção dominantes à escala mundial, pois só se pode compreender tal economia nacional entendendo-a como um ponto das relações de produção mundiais. Por consequência, é na qualidade de estrutura integrada (por exemplo, na qualidade de estrutura dominada pela economia americana) que pode ser compreendido o carácter específico do desenvolvimento de tal economia».

A Economia Mundial de Iniciativa Privada, tendo em conta as características (pedagógicas, críticas e metodológicas que a enformam,) constitui um elemento de trabalho não só divulgador de uma nova maneira de interpretar as relações económicas internacionais, como também propiciador de um quadro de análise daquelas relações, cuja apreensão se revelará rica de conteúdo. Fornecendo um conjunto apreciável de conceitos básicos nesta matéria, o seu interesse maior residirá eventualmente, no desenvolvimento de uma análise histórica correcta (ainda que não muito profunda) que permite obter uma visão ampla e crítica das grandes teorias que tentaram e/ou estão tentando explicar o problema crescentemente complexo das referidas relações inter-países. A obra constitui também um esforço no sentido de reduzir o grau de generalidade das grandes linhas da teoria que divulga; neste sentido, encontram-se nela alguns exemplos (cfr. 2.º vol. III, 3 II) de eventuais pistas de pesquisa cuja abordagem, apresentando a vantagem de ser fortemente orientada no sentido das realidades concretas, é trabalho indispensável não só para compreender o mundo actual como, também, cada país considerado como parte integrante desse mundo. Finalmente, PALLOIX não deixa de sugerir algumas medidas a tomar, no âmbito dos chamados «países subdesenvolvidos», com vista à sua recuperação económica, condição necessária da sua autonomização. Neste ponto importa ter presente, porém, que essas medidas não devem ser entendidas como «receitas» de actuação; com efeito, o seu papel destina-se simplesmente a materializar a forma específica do comando da teoria, quando orientada no sentido da análise das situações concretas dos países em questão.

J. Manuel Rolo

SCHAEFFER, Pierre — *Machines à Communiquer* (2.º vol.) — *Pouvoir et Communication* — Editions du Seuil, Paris, 1972 348 pp.

O autor desenvolve a tese sobre a articulação necessária entre o *poder* e a *comunicação,* em estilo de reportagem do seu itinerário profissional, advertindo-nos: «Quant au plan de l'ouvrage, il lui sera tout aussi difficile d'échapper à la bizarrerie involontière, car il a la forme d'un tire-bouchon, ou, plus exactement, tire du bouchon son argument».

Livro hiper-metafórico que parece arrancar as ideias das próprias metáforas, onde a imagem dominante é o «sacarolhas»; é constituído por cinco partes:

1. Movimentos da hélice
2. O desejo
3. A rolha
4. As engrenagens
5. Mensagens pessoais

Pretende-se definir a instituição — O. R. T. F. — local de emissão do discurso do autor, a partir das variáveis: *poder* e *comunicação.* Procuraremos extrair as ideias fundamentais das metáforas que sustentam a escritura deste livro.

Não há palavra sem destinatário; nenhum enunciado ou mensagem poderá ser analisado independentemente do contexto social que condicionou a respectiva produção. Os aparelhos e as instituições terão um papel essencial no circuito da própria produção e transmissão.

A relação com os objectos depende do poder dos aparelhos que permitem o percurso do concreto para o abstracto. Este percurso realiza-se pela apropriação artística cognitiva, ideológica, etc., que supõem, de facto, instrumentos de percepção e meios de produção específicos, com o que o investigador trabalha, transformando a matéria prima ou informação primeira, que captou dos objectos reais.

Trabalhando especificamente com os aparelhos audio-visuais, o autor

reflecte sobre a experiência dos sons e das imagens, que nos conduz à descoberta da linguagem dos objectos sonoros ou visuais, simulacro ou cópia não conforme com a realidade; a reprodução audio-visual do objecto real aparece-lhe sempre como um compromisso entre o objectivo e o subjectivo, entre o acontecimento e a mensagem, implicando um erro ou falso conhecimento.

Imagens, sons, emoções, impressões são expressão «duma sombra de existência, dum recomeço ilusório» (p. 30); o mundo é um espectáculo onde milhões de homens se alimentam de simulacros. Donde se conclui que as imagens não são neutras, e constituem armas utilizadas pelo poder instituído. Criticável é assim o artista ou o técnico ingénuo, que não prevê as consequências das suas descobertas, concebendo-as como que isoladas do contexto.

Após estas considerações gerais, SCHAEFFER analisa as condições sociais da comunicação de massa da instituição — O. R. T. F. Impasses institucionais que dificultam a constituição de equipas de trabalho; problemas financeiros, dificuldade de seleccionar os investigadores em questão, que deveria assentar em unidades reunindo a investigação e a produção numa tentativa de continuidade entre a investigação fundamental, as experiências e as aplicações.

Uma breve história da constituição da própria Instituição — com as respectivas frustrações e insucessos no trabalho, tensões internas, compromissos externos — destrói qualquer ilusão de autonomia da comunicação, orientada pelos interesses e projectos políticos, que nem sempre se adequaram com os objectivos do corpo de investigadores da época da «revolução permanente», como nos diz o autor, significando com esta expressão a possibilidade de contestação interna que se pôde gozar na O. R. T. F., de 1960 a 1968.

Retomamos o estilo metafórico de SCHAEFFER, utilizando-nos da imagem — «sinfonia para um homem só» —, que introduz um dos capítulos da segunda parte do livro intitulado «O Desejo» — sinfonia do próprio autor que se auto-interroga, fundamentalmente sobre a manipulação dos objectos (técnicos ou artísticos) da O. R. T. F., sobre a utilidade social do cinema, da rádio, da música. A nota patética mais marcante é a sua confissão de que, em tempo de «paz», numa sociedade que já construíu os seus hábitos, o mais difícil é a criação de algo de *anormal,* que rompa com as normas estabelecidas pela ordem.

Novo desejo — a «Imaginação no poder» — a invenção daquilo em que os outros não pensam. Em estilo de lamentação, analisa-se os vazios ou obstáculos que se criam pelo facto do investigador não poder funcionar de acordo apenas com a sua imaginação, e de ter de se sujeitar ao estatuto profissional que a Instituição lhe confere. A relação entre a Instituição e o investigador é simbolizada pelo diálogo da «Dama» (O. R. T. F.) com os seus súbditos: «Conheço (os escritores, os inventores), respeito-os, pago as taxas...». «Tenho o poder de decisão, murmura bruscamente a Dama com um ar pensador» pp. 108/ /109.

O autor cai de novo na realidade dos limites em que o investigador se encontra pelo facto de estar colocado no ponto nevrálgico da comunicação, regulado pelas leis da Instituição; a imaginação no poder, o desejo de comunicar sem intermediários com as massas, revelam-se-lhe como sonhos irrealizáveis; a sua prática é a repetição contínua de mensagens cujo *emissor,* o *poder,* lhe é exterior, impondo-lhe um ritmo de cadeia «segunda administrativa, terça musical, quarta intelectual, etc.» O seu produto é-lhe extorquido pela Instituição, que o insere no circuito do consumo da sociedade industrial, cujos objectivos são destituídos de qualquer ambiguidade, respondendo a necessidades simples, aspirando à obtenção dum lucro.

Poder e *comunicação* estão *estruturalmente* correlacionados. É, por isso, impossível tratar a comunicação de forma autónoma, independentemente do «contexto social». O sistema de emissão linear — Emissor → Mensagem → Receptor — não corresponde ao processo real de produção de significações. O potencial da comunicação depende dos quadros de referência dos respectivos interlocutores, condicionados por uma determinada situação conjuntural. O código linguístico não se actualiza apenas pelos dois polos ideais — receptor e emissor; supõe antes a inserção numa situação social concreta, no «contexto», que constituirá o campo de contacto, possibilitando a construção e circulação de mensagens. A cons-

tante *P/C — poder* e *comunicação* — implica assim um sistema complexo de produção e reprodução, a partir de variáveis diversas que se interligam, como sejam, a ideológica, a económica, a política, etc.

Da exposição demasiado descritiva do autor, denotando falta de conceptualização, poderemos destacar três ideias que particularmente o ocuparam:

A comunicação não é simplesmente a actualização dum código. O conceito de língua de JAKOBSON como um conjunto de subcódigos, constituídos a partir das regras de transformação do código central, permite-nos já pensar a actualização da língua, não monolítica, pela utilização social dos actores num determinado contexto. SCHAEFFER analisa especialmente a articulação do processo de produção de mensagens com a decisão política dominante.

O poder de comunicação apoia-se orgânicamente em instituições — aqui a O. R. T. F. — aparelhos que permitem a inculcação permanente dum sistema de ideias, controlada por grupos sociais em relação de força — aqui pelo grupo social dominante, constituíndo a instituição um aparelho de Estado.

A produção de mensagens responde a uma procura económica para a obtenção dum lucro; a instituição aparece-nos também como uma empresa «industrial».

Manuela Meneses

VERCAUTEREN, Paul — *Les Sous-Prolétaires* — Les Editions Vie Ouvrière, Bruxelas, 1970, 201 pp.

Se o campo de análise que o autor circunscreve é o sub-proletariado, a questão basilar que desenvolve é a da sobre-determinação do ideológico no conjunto das práticas daquela camada social.

O conceito de sub-proletariado emerge de um todo conceptual estruturado cujos principais vectores o autor retira de L. ALTHUSSER, isto é, da interpretação elaborada por este último com base nos textos de MARX afirmados da maturidade. De registar que aquele conceito surge contraposto ao de «lumpen-proletariado», configurado pelo MARX voluntarista como «racaille en haillons, [...] pourriture inerte des couches les plus basses [...]», «[...] tout ce monde qu'on appelle les classes dangereuses». Está-se portanto numa linha de análise de recusa sistemática da concepção que vê as classes e as camadas sociais como essências, cuja natureza social e determinação da história lhes conferem a especificidade das suas acções e dos fins visados. Retenha-se então o conceito de subproletariado com que o autor opera: camada social específica que, 1) reside em meio urbano, o que, para a caracterização do tipo de representação-do-mundo que lhe é inerente, é nuclear; 2) se encontra separada dos meios de produção, o que implica a necessidade de «trocar» força-de-trabalho por um salário, «troca» esta que, contudo, 3) realiza de forma extremamente irregular.

Estriba-se este ensaio na seguinte hipótese principal: o proletariado e o sub-proletariado são produtos diferenciados no plano da sua situação no processo de produção da civilização industrial e urbana. Se o primeiro, pelo menos contemporâneamente, não se pauperiza, o segundo situa-se marginalizado por via de não se encontrar integrado naquele processo de produção. Tornado assim incapaz de cooperar na actividade produtiva, remete-se para uma participação nos processos sociais, fundamentalmente através da prática do consumo, que por sua vez agencia a dinâmica de assimilação/identificação das singulares representações — imagens que relevam dos quadros ideológicos dominantes. Daqui decorre a particular situação de a-revolucionariedade que o sub-proletariado veicula e reproduz.

São três as partes que este ensaio articula, bem assentes no firme propósito de devolver ao leitor as várias etapas de verificação da hipótese.

Na primeira, carreia os materiais de base, ainda no plano das generalidades, enformadores da problemática abordada. Analisa os motins ocorridos nas grandes cidades americanas assinalando as determinações que lhes estão na origem no quadro do conceito-bússula de pauperismo. Explicita este conceito em MARX que o utilizou para aludir a duas categorias de agentes sociais, aos proletários, expulsos do processo de produção por razões imputáveis no específico movimento de evolução das infra-estruturas económicas, e aos «lumpen», aqueles que não se encontram insertos num trabalho regular. Esta parte do livro termina com uma re-